

# os segredos da casa da praia

nora roberts

Tradução de Isabel Penteado

Para os meus filhos e  
para as filhas que eles me deram.  
E tudo o que vem depois disso.



«O mar verde-dragão, o luminoso, o sombrio,  
o mar assombrado por serpentes.»

— JAMES ELROY FLECKER



# ESCURIDÃO

*A maioria das pessoas vive uma vida de silencioso desespero.  
Aquilo a que se chama resignação é desespero arraigado.*

— HENRY DAVID THOREAU



## *Um*

**A**través dos gélidos fiapos de neve, sob a luz intermitente do grande farol no protuberante rochedo a sul, vislumbrava-se sobre Whiskey Beach a maciça silhueta de Bluff House. A casa encarava o frio e turbulento Atlântico como um desafio.

*Perdurarei tanto como tu.*

Com os seus três robustos e indulgentes pisos erguidos sobre a desabrida e acidentada costa, o edifício observava o movimento e o embate das ondas através dos olhos escuros das janelas, como havia feito — numa ou noutra encarnação — durante mais de três séculos.

A pequena casa de pedra, que agora continha ferramentas e material de jardinagem, era testemunho das suas origens humildes, daqueles que haviam enfrentado o feroz e caprichoso Atlântico para forjarem uma vida no solo pedregoso de um novo mundo. A ofuscar essas origens, as extensas e altas paredes de areia dourada, as mansardas arqueadas e os generosos terraços, em pedra local desgastada pelo tempo, falavam dos seus dias de glória.

O edifício havia sobrevivido à intempérie, à negligência, ao desleixo, ao gosto duvidoso, aos tempos de prosperidade e de bancarrota, ao escândalo e à probidade.

Entre as suas paredes, gerações da família Landon haviam vivido e morrido, comemorado e chorado, arquitetado, prosperado, triunfado e definido.



A casa brilhara com o mesmo esplendor da luz do grande farol que varria as águas desde a rochosa e magnífica costa norte de Massachusetts. E havia-se retraído, encerrado na escuridão.

Há tanto tempo fora ereta, que agora era simplesmente Bluff House, reinante sobre o mar, a areia e a vila de Whiskey Beach.

Para Eli Landon, era o único lugar que lhe restava. Não apenas um abrigo, mas um escape de tudo o que a sua vida se havia tornado nos últimos horríveis onze meses.

Ele quase não se reconhecia.

A viagem de duas horas e meia desde Boston, por estradas escorregadias, tinha-o deixado exausto. Mas também era obrigado a reconhecer que, na maior parte dos dias, a fadiga se aninhava em si como uma amante. E ali estava ele diante da casa, no escuro, com a neve fina a respingar do para-brisas e do tejadilho, enquanto tentava optar entre reunir energia suficiente para entrar, ou deixar-se ficar simplesmente quieto, quiçá dormir no carro.

*Que estupidez*, pensou. Obviamente que não ia ficar ali, a dormir no carro, quando a casa, com camas bastante boas à escolha, se encontrava a escassos metros de distância.

Mas também não conseguia ter força anímica para tirar as malas da bagageira. Em vez disso, agarrou nas duas malas pequenas que estavam no banco ao seu lado e que continham o computador portátil e alguns artigos de primeira necessidade.

Assim que saiu do carro, Eli foi fustigado pela neve, mas o vento cortante do Atlântico conseguiu penetrar as camadas exteriores de letargia. As ondas rebentavam contra as rochas e chicoteavam o areal num constante bramido sibilante. Eli tirou as chaves de casa do bolso do casaco e encaminhou-se para o abrigo do amplo pórtico de pedra que precedia a enorme porta dupla de entrada, construída, mais de um século antes, com teca importada da Birmânia.

Haviam-se passado dois anos desde a última vez que ali estivera, pensou. Estivera demasiado ocupado com a sua vida, com o trabalho e com o seu desastroso casamento para ali passar um fim de semana, umas curtas férias, fazer uma visita à avó.

Claro que passara tempo com ela, com a indómita Hester Hawkin Landon, sempre que esta se havia deslocado a Boston. Telefonara-lhe regularmente, enviara-lhe *e-mails*, contactara-a via Facebook e Skype. Hester podia ter quase oitenta anos, mas abraçara sempre a tecnologia e a inovação com curiosidade e entusiasmo.

Ele havia-a levado a jantar, a beber alguma coisa, lembrava-se de lhe comprar flores, cartões e presentes, e reunia-se com ela e a restante família pelo Natal e em aniversários importantes.

E tudo isso, pensou Eli enquanto procurava a chave da porta, era tentar racionalizar o facto de não arranjar tempo para ir a Whiskey Beach, ao lugar que ela mais amava, e dedicar o tempo e a atenção que a avó merecia.

Encontrou a chave certa e destrancou a porta. Entrou e acendeu as luzes.

Reparou que a avó havia feito algumas mudanças, mas ela abraçava a mudança, ao mesmo tempo que conseguia abraçar as tradições... que se lhe adequavam.

Alguns quadros novos — paisagens marinhas, jardins — salpicavam de cores suaves as paredes castanhas-escuras. Eli largou as malas à entrada da porta e dedicou um momento a apreciar o esplendor do *hall* de entrada.

Passou os olhos pela escada — com os seus pilares ornamentados com gárgulas sorridentes, que algum Landon extravagante havia encomendado — até ao cimo, onde esta curvava graciosamente para a direita e para a esquerda, dando acesso às alas norte e sul da casa.

Quartos de sobra, pensou ele. Só precisava de subir as escadas e escolher um.

Mas não ainda.

Em vez disso, Eli encaminhou-se para a ampla sala de estar, com as suas altas janelas arqueadas com vista para o jardim dianteiro — ou que assim seria quando o inverno abrisse as suas garras.

A avó não ia a casa há mais de dois meses, mas ele não via uma única partícula de pó. Havia lenha na lareira emoldurada pelo brilho do lápis-lazúli e pronta a acender. Flores frescas adornavam a mesa *Hepplewhite* que ela tanto estimava. Havia almofadas acolhedoras nos três sofás dispostos ao longo da sala, e o amplo soalho de tábuas de madeira de cerejeira reluzia como um espelho.

A avó havia contratado alguém para cuidar da casa, decidiu ele, esfregando a testa no local onde ameaçava despontar uma dor de cabeça.

Ela tinha-o avisado, não tinha? Dissera-lhe que arranjava alguém para cuidar da casa. Uma vizinha, alguém que se encarregava da limpeza mais a fundo. Ele não se havia esquecido que ela o tinha avisado, havia simplesmente perdido a informação por um momento, no meio da névoa que, com demasiada frequência, lhe toldava a mente.

Agora cabia-lhe a ele tomar conta de Bluff House. Cuidar da casa, mantê-la viva... como lhe havia pedido a avó. E, dissera-lhe ela, talvez a casa lhe devolvesse também alguma vida.

Eli pegou nas malas e olhou para a escada. E não se mexeu.

A avó tinha sido encontrada ali, junto aos degraus, por uma vizinha. Seria a mesma vizinha? Não era a mesma que lhe fazia as limpezas? Alguém, graças a Deus, tinha ido ver como ela estava e havia-a encontrado deitada no chão, inconsciente, ferida, a sangrar, com um cotovelo fendido, uma anca partida, costelas partidas e um traumatismo craniano.

Ela podia ter morrido, pensou ele. Os médicos haviam-se mostrado espantados com a sua resiliência. Ninguém da família verificava diariamente como ela estava, ninguém se lembrava de telefonar e ninguém, incluindo ele próprio, teria ficado preocupado se ela não tivesse atendido o telefone durante um ou dois dias.

Hester Landon, a mulher independente, invencível, indestrutível.

Que poderia ter morrido depois de uma terrível queda, se não fosse uma vizinha... e a sua própria infatigável força de vontade.

Agora era rainha e senhora nuns aposentos em casa dos pais dele, enquanto recuperava dos ferimentos, onde ficaria até considerar estar suficientemente forte para regressar a Bluff House — ou, se os pais conseguissem levar a sua avante, onde ficaria e ponto final.

Eli gostava de a imaginar de volta à casa que amava, lá fora no terraço, com o seu martíni de final de tarde, a contemplar o oceano. Ou a cuidar do seu jardim, quiçá a montar o cavalete para pintar.

Gostava de a imaginar cheia de energia e força, e não indefesa e ferida no chão, enquanto ele se servia de uma segunda chávena do café da manhã.

Assim, faria o seu melhor até a avó voltar para casa. Manteria viva a casa, como se fosse a sua.

Com as malas na mão, começou a subir as escadas. Iria ocupar o quarto que sempre utilizava quando estava de visita — ou que havia ocupado antes de essas visitas se terem tornado cada vez mais escassas e espaçadas no tempo. Lindsay sempre detestara Whiskey Beach e Bluff House, e havia transformado as visitas numa guerra fria, com a avó tensamente educada de um dos lados e a mulher propositamente sarcástica do outro. E ele entalado no meio.

E ele havia optado pelo caminho mais fácil, pensou Eli. Podia estar

arrependido disso, arrependido de ter deixado de ir, arrependido de ter inventado desculpas e de ter limitado o tempo com a avó às visitas que ela fazia a Boston. Mas não podia voltar atrás no tempo.

Entrou no quarto. Também ali havia flores, reparou, e o quarto mantinha ainda as suas paredes verdes-claras e duas das aguarelas da avó de que ele sempre havia gostado particularmente.

Pousou as malas no banco aos pés da cama de trenó e despiu o casaco.

Ali, tudo havia permanecido inalterado. A pequena escrivanhinha sob a janela, as amplas portas envidraçadas que davam acesso ao terraço, a senhorinha e o pequeno escabelo com o estofado que a mãe da avó havia bordado há tanto tempo.

Ocorreu-lhe que, pela primeira vez em muito tempo, se sentia — praticamente — em casa. Abriu uma das malas para tirar o *nécessaire* e encontrou na casa de banho toalhas limpas, sabonetes requintados em forma de concha e o aroma a limão.

Despiu-se sem se olhar no espelho. Havia perdido peso, demasiado peso, ao longo do último ano. Não precisava de se lembrar do facto. Abriu a torneira do chuveiro e entrou no duche na esperança de conseguir libertar-se de alguma da fadiga. Sabia, por experiência própria, que se fosse para a cama exausto e stressado, teria um sono agitado e acordaria ainda cansado.

Quando saiu, agarrou numa das toalhas da pilha e voltou a sentir o cheiro a limão enquanto esfregava os cabelos. Os caracóis húmidos chegavam abaixo da nuca, numa guedelha castanha-claro que não usava tão comprida desde os vinte e poucos anos. Mas, também, já não ia ao seu barbeiro habitual, Enrique, há quase um ano. Não precisava propriamente de um corte de cento e cinquenta dólares, nem da coleção de fatos e sapatos italianos que tinha guardados no guarda-roupa.

Já não era um advogado criminal elegantemente vestido, com um escritório de janelas amplas e uma carreira fulgurante que havia de o tornar sócio maioritário. Esse homem morrera com Lindsay e ele não se havia apercebido.

Puxou o edredão, tão fofo e branco como a toalha, para trás, enfiou-se na cama e apagou a luz.

Na escuridão, conseguia ouvir o mar, com o seu bramido constante, e o estalido dos fiapos de neve a embaterem nos vidros. Fechou os olhos e desejou, como todas as noites, umas horas de obívio.

E foram poucas.

Raios partissem, estava verdadeiramente irritado! Ninguém, absolutamente ninguém, pensou ele enquanto conduzia sob a gélida chuvada, conseguia deixá-lo mais irritado do que Lindsay.

A cabra.

A sua cabeça e, aparentemente, a sua moral, não funcionavam como as das outras pessoas. Ela havia conseguido autoconvencer-se — e ele estava certo de que havia convencido também alguns amigos, a mãe, a irmã e sabia Deus quem mais — de que era *ele* o culpado pela deterioração do casamento, pelo facto de terem passado da terapia de casal para uma separação, e posteriormente para uma batalha judicial tendo em vista o divórcio.

E também era *ele* o culpado por ela ter andado a traí-lo durante mais de oito meses — mais cinco do que os da separação que ela havia defendido. E, de certo modo, recriminava-o por ter descoberto que era uma mentirosa, uma traidora e uma intriguista, antes de ter assinado o documento que lhe teria permitido sair do casamento com um acordo vantajoso.

Então, estavam ambos irritados, concluiu ele; ele porque tinha sido um idiota e ela porque ele tinha finalmente entendido isso.

Sem dúvida nenhuma, seria também ele o culpado por terem tido uma amarga, violenta e pública discussão sobre o adultério dela, naquela tarde, na galeria de arte onde ela trabalhava em *part-time*. Reconhecia que havia sido um mau *timing* e houvera maus modos da sua parte, mas, naquele momento, estava-se nas tintas.

Ela queria culpá-lo pelo facto de se ter tornado desleixada, tão desleixada que a irmã dele a havia visto atracada a outro homem no átrio de um hotel em Cambridge — antes de terem entrado juntos no elevador.

Tricia podia ter demorado uns dias a contar-lhe, mas ele não podia censurá-la. Não era algo simples de ser contado. E ele havia demorado mais alguns a absorver a informação, antes de ter resolvido enfrentar a situação e contratado um detetive.

Oito meses, pensou ele outra vez. Ela tinha andado a dormir com outra pessoa em camas de hotel, em pensões, sabia Deus onde mais... embora tivesse sido demasiado esperta para usar a casa. O que pensariam os vizinhos?

Talvez ele não devesse ter ido à galeria, armado com o relatório do detetive e a própria fúria, para a confrontar. Talvez os dois devessem ter tido o bom senso de não começarem uma competição de gritos audível em toda a galeria e rua fora.

Mas teriam ambos de aguentar a vergonha.

Uma coisa ele sabia: agora o acordo já não seria tão vantajoso para ela. Todo o seu empenho em ser correto e justo, de não seguir à risca o acordo pré-nupcial, tinha ido por água abaixo. Ela ia perceber isso quando regressasse a casa do leilão de beneficência e descobrisse que ele tinha levado o quadro que ele havia comprado em Florença, o diamante que herdara da bisavó e o serviço de café em prata, que não lhe interessava particularmente, mas que era mais uma herança de família e *diabos* o levassem se a deixaria arrebanhar isso também!

Ela iria perceber que as regras do jogo tinham mudado por completo.

Talvez fosse mesquinhez, talvez fosse estupidez — ou talvez fosse correto e justo. Ele sentia-se demasiado furioso e traído para perceber, e estava-se simplesmente a marimbar. Movido por essa fúria, Eli parou o carro no caminho de entrada da casa de Back Bay, em Boston. Uma casa que ele acreditara que serviria de base sólida para um casamento que havia começado a revelar algumas falhas. Uma casa que ele imaginara que um dia abrigaria os seus filhos e que, por um curto período, enquanto ele e Lindsay a equipavam, escolhiam mobiliário, debatiam, discutiam, concordavam — coisas que ele considerava normais — relativamente aos pequenos detalhes, havia colmatado essas falhas.

Agora teriam de a vender e muito provavelmente acabariam os dois com metade de praticamente nada. E em vez de alugar um apartamento por pouco tempo, como havia imaginado, ia acabar por ter de comprar um.

Para si, pensou ele enquanto saía do carro debaixo de chuva. Sem necessidade de debates, nem de discussões, nem de consensos.

E, constatou ele enquanto corria em direção à porta, tudo isso era um alívio. Acabavam-se os adiamentos, as incertezas, o fingimento de que o casamento podia, ou devia ser salvo.

Talvez, com as suas mentiras, as suas falsidades e as suas traições, Lindsay lhe tivesse feito um favor.

Agora podia ir-se embora sem culpa, nem remorso.

Mas ir-se-ia, seguramente, embora com o que lhe pertencia.

Abriu a porta e entrou para o amplo e elegante átrio. Virou-se para o

painel do alarme e introduziu o código. Se ela o tivesse alterado, ele tinha o seu cartão de identidade, com o nome e a morada. Já havia pensado como lidar com as perguntas que a polícia ou a empresa de segurança pudessem fazer-lhe.

Diria simplesmente que a mulher havia mudado o código — o que era verdade — e que ele o havia esquecido.

Mas ela não o fizera. Esse facto deixou-o simultaneamente aliviado e insultado.

Ela achava que o conhecia tão bem, estava tão segura de que ele nunca entraria na casa, que era metade sua, sem a permissão dela. Ele havia concordado em sair, para dar algum espaço a ambos, por isso nunca se intrometeria, nunca a pressionaria.

Ela havia presumido que ele seria civilizado.

Em breve descobriria que não o conhecia de todo.

Eli parou por instantes para absorver o silêncio da casa, as *sensações* que lhe transmitia. Os tons neutros que serviam de pano de fundo a apontamentos coloridos, a mistura do antigo com o moderno numa original combinação que lhe conferia estilo.

Ela tinha jeito para a coisa, ele não podia negá-lo. Sabia apresentar-se, apresentar a sua casa, sabia organizar festas de sucesso. Haviám tido alguns bons momentos ali, picos de felicidade, períodos de satisfação, momentos de compatibilidade fácil, de bom sexo, algumas ociosas manhãs de domingo.

Como é que tudo havia corrido tão mal?

— Que se lixe — murmurou por entre dentes.

*Entra e sai*, disse a si mesmo. Estar na casa deixava-o deprimido. Subiu ao primeiro piso, foi direito à saleta do quarto principal e reparou que ela tinha deixado um saco de viagem meio cheio no suporte para malas.

Ela era livre de ir onde bem entendesse, pensou ele, com ou sem o amante.

Eli concentrou-se no que o levara até ali. Dentro do guarda-roupa, introduziu o código do cofre. Ignorou a pilha de dinheiro, os documentos, os estojos de joias com peças que lhe havia oferecido ao longo dos anos, ou que ela havia comprado para si mesma.

*Só o anel*, disse a si mesmo. *O anel Landon*. Abriu o estojo, viu-o cintilar à luz e guardou-o no bolso do casaco. Depois de ter voltado a trancar o cofre e de ter regressado ao piso térreo, lembrou-se de que

deveria ter levado plástico com bolhas, ou qualquer outra proteção para o quadro.

Decidiu usar algumas toalhas, algo que o protegesse da chuva. Tirou um par de lençóis de banho do armário dos atalhados e prosseguiu.

*Entra e sai*, recordou a si mesmo. Não havia imaginado o quanto queria sair daquela casa, afastar-se das memórias — boas e más.

Na sala de estar, tirou o quadro da parede. Tinha-o comprado durante a lua de mel, porque Lindsay se encantara pelas suas cores empalidecidas pelo sol, pelo charme e simplicidade de um campo de girassóis com olivais como pano de fundo.

Haviam comprado mais obras de arte desde então, pensou ele enquanto envolvia o quadro nas toalhas de banho. Quadros, esculturas e peças de cerâmica que valiam, seguramente, muito mais. Tudo isso podia ir para a pilha de bens comuns, tudo isso podia fazer parte do mecanismo de negociação. Mas não aquele quadro.

Pousou o quadro protegido em cima do sofá e atravessou a zona de estar com a tempestade a estrondear lá fora. Perguntou-se se Lindsay estaria a conduzir debaixo daquela tormenta, a caminho de casa para acabar de fazer as malas para a viagem com o amante.

— Aproveita enquanto dura — murmurou ele. Porque, logo pela manhã, ligaria ao advogado que tinha contratado para tratar do divórcio e dar-lhe-ia ordem para avançar com o processo.

A partir daquele momento, tencionava ir direito à jugular.

Entrou no cómodo que haviam convertido numa biblioteca e, quando estava prestes a ligar o interruptor da luz, viu-a num clarão gélido e trémulo de um relâmpago.

Desde esse instante até ao estrondo do trovão, a sua mente ficou perplexa.

— Lindsay?

Deu um estalo no interruptor e avançou com passos hesitantes. No seu interior, travava-se uma batalha entre o que ele via e o que era capaz de aceitar.

Ela estava deitada de lado, diante da lareira. Sangue, tanto sangue sobre o mármore branco, sobre o chão escuro.

Os seus olhos, aquele chocolate escuro que tanto o haviam cativado em tempos, eram vidro fosco.

— Lindsay.



Eli baixou-se ao lado dela e segurou na mão que estava estendida no chão como se quisesse alcançar algo. E encontrou-a fria.

Em Bluff House, Eli acordou, arrastando-se para longe do sangue e do choque do sonho recorrente, em direção à luz do Sol.

Deixou-se ficar por um momento simplesmente sentado, desorientado, confuso. Olhou em volta, lembrou-se de onde estava, e o seu coração acelerado voltou a acalmar-se.

Bluff House. Tinha ido para Bluff House.

Lindsay havia morrido há quase um ano. A casa em Back Bay estava finalmente à venda. O pesadelo tinha acabado... ainda que continuasse a persegui-lo.

Passou as mãos pelos cabelos e desejou ser capaz de se iludir para voltar a adormecer simplesmente, mas sabia que se tornasse a fechar os olhos, regressaria à pequena biblioteca, ao lado do corpo da mulher assassinada.

Contudo, não lhe ocorria um único bom motivo para se levantar da cama.

Pareceu-lhe ouvir música; vaga, distante. Que diabo de música seria aquela?

Havia-se acostumado tanto aos barulhos — vozes, música, o burburinho da televisão — durante os últimos meses, em casa dos pais, que não havia dado conta de que ali não deveria haver música, nem qualquer outra coisa para além do som do mar ou do vento.

Teria ligado um rádio, um televisor, alguma coisa de que se tivesse esquecido? Não seria a primeira vez desde a sua longa espiral descendente.

Bem, já tinha um motivo para se levantar, decidiu.

Como não levara o resto da bagagem, enfiou as calças de ganga que havia usado no dia anterior, agarrou na camisa e vestiu-a enquanto saía do quarto.

Não parecia som de rádio, constatou Eli quando se aproximou das escadas. Ou não só de rádio. Quando atravessava o piso térreo, reconheceu facilmente a voz de Adele, mas conseguia ouvir nitidamente uma segunda voz feminina formando uma espécie de dueto apaixonado... e barulhento.

Seguiu o som, percorrendo a casa em direção à cozinha.

A acompanhante de Adele enfiou a mão num dos três sacos de pano

com compras que estavam em cima do balcão, tirou um pequeno cacho de bananas e acrescentou-o à fruteira de bambu que já continha maçãs e peras.

Eli não conseguia entender nada do que estava a passar-se ali.

Ela cantava em plenos pulmões, e bem — não com a magia de Adele, mas bem. E parecia uma fada, alta e esbelta.

Uma melena de longos caracóis castanhos-claros tombava sobre os seus ombros e escorria ao longo das costas de uma camisola azul-escura. O seu rosto era... *invulgar*; era o único adjetivo que lhe ocorria. Os alongados olhos amendoados, o nariz afilado, as maçãs do rosto protuberantes e a boca carnuda com um sinal junto ao canto esquerdo formavam um conjunto que lhe parecia um tanto transcendental.

Ou talvez fosse apenas o seu cérebro confuso e as circunstâncias.

Ela tinha anéis a cintilarem-lhe nos dedos, pingentes a oscilarem-lhe nas orelhas, uma lua crescente pendurada ao pescoço e um relógio — com um mostrador tão redondo e branco como uma bola de basebol — em torno do pulso esquerdo.

Ainda a cantar a plenos pulmões, ela tirou uma garrafa de leite e um pacote de manteiga do saco, começou a virar-se para o frigorífico... e viu-o.

Não gritou, mas deu um cambaleante passo atrás e quase deixou cair o leite.

— Eli? — A rapariga pousou o leite e levou a mão, adornada de anéis, ao peito. — Meu Deus! Assustaste-me! — Com uma gargalhada rouca e esbaforida, sacudiu a farta cabeleira encaracolada. — Pensava que chegavas esta tarde. Não vi o teu carro. Mas, também, eu entrei pelas traseiras — continuou ela, apontando para a porta que dava acesso ao terraço principal. — Deves ter entrado pela porta da frente. Por onde havias tu de entrar? Vieste ontem à noite? Deves ter apanhado menos trânsito, mas as estradas estavam uma droga, todas escorregadias.

»Seja como for, aqui estás tu. Queres um café?

Ela parecia uma fada de pernas longas, pensou ele outra vez, e tinha o riso de uma deusa marinha.

E tinha comprado bananas.

Eli olhou fixamente para ela. — Quem és tu?

— Oh, desculpa. Pensava que a Hester te tinha dito. Chamo-me Abra. Abra Walsh. A Hester pediu-me para deixar a casa pronta para a tua chegada. Estou só a abastecer a cozinha. Como está a Hester? Não

falo com ela há uns dias... temos trocado apenas *e-mails* e mensagens de texto.

— Abra Walsh — repetiu ele. — Foste tu que a encontraste.

— Sim. — Abra tirou um saco de grãos de café de um saco e começou a encher uma máquina muito semelhante à que ele havia usado diariamente no seu escritório de advocacia. — Que dia horrível. Ela não apareceu na aula de ioga... e nunca falha. Eu telefonei, mas ela não atendeu, por isso vim ver o que se passava. Eu tenho uma chave. Faça as limpezas.

Enquanto a máquina zunia, ela colocou uma grande caneca debaixo da biqueira e continuou a guardar as compras. — Entrei pelas traseiras; é um hábito. Chamei por ela, mas... Então comecei a ficar preocupada com a hipótese de ela não estar a sentir-se bem, por isso resolvi subir ao quarto. E encontrei-a caída no chão. Pensei... mas ela tinha pulso e recuperou a consciência por um instante quando eu disse o nome dela. Chamei uma ambulância e fui buscar a manta do sofá porque tinha medo de a mover. Eles foram rápidos, mas, naquele momento, pareceram-me horas. — Tirou um pacote de natas do frigorífico e adicionou um pouco à caneca. — Balcão, ou mesa do pequeno-almoço?

— O quê?

— Balcão. — Abra pousou o café na ilha. — Assim, podes sentar-te e falar comigo. — Como ele se limitou a olhar para o café, ela sorriu. — Está bem, não está? A Hester disse-me que gostavas com um bocado de natas, sem açúcar.

— Pois. Sim, obrigado. — Como um sonâmbulo, Eli encaminhou-se para a ilha e sentou-se num dos bancos.

— Ela é tão forte, tão inteligente, tão genuína. A tua avó é a minha heroína. Quando eu me mudei para cá há um par de anos, ela foi a primeira pessoa com quem consegui conectar-me verdadeiramente.

Ela não se calava. Não importava se ele estava a ouvir, pensou. Às vezes, o som da voz de alguém podia ser confortante e ele parecia estar a precisar de conforto.

Abra lembrou-se das fotografias que Hester lhe havia mostrado do neto, uns anos mais novo. O sorriso fácil, a luz naqueles olhos azuis típicos dos Landon — um azul cristalino, com um anel escuro em torno da íris. Agora parecia cansado, triste e demasiado magro.

Ela faria os possíveis para resolver isso.

Assim sendo, resolveu tirar ovos, queijo e presunto do frigorífico.

— Ela está contente por teres concordado em ficar aqui. Sei que

estava incomodada por imaginar Bluff House vazia. Disse-me que estavas a escrever um romance. É verdade?

— Eu... hum...

— Li alguns dos teus contos. Gostei. — Colocou uma frigideira a aquecer no fogão. Enquanto aquela aquecia, serviu um copo com sumo de laranja, pôs umas bagas silvestres num pequeno corredor, para as lavar, e pão na torradeira. — Eu escrevia uns poemas românticos horríveis quando era adolescente. E piorava a coisa quando tentava transformá-los em canções. Adoro ler. Admiro qualquer pessoa que consiga conjugar as palavras para contar uma história. Ela sente muito orgulho de ti. A Hester.

Eli levantou então os olhos ao encontro dos dela. Verdes, constatou, como um mar sob uma leve bruma e tão transcendentais como tudo o resto.

Talvez ela nem sequer estivesse ali.

Então a mão dela tocou na dele, apenas por um momento, quente e real. — O teu café está a arrefecer.

— Certo. — Eli pegou na caneca e bebeu. E sentiu-se ligeiramente melhor.

— Já não vinhas cá há algum tempo — continuou ela, e verteu a mistura dos ovos na frigideira. — Há um restaurantezinho novo na vila, e a pizaria continua no mesmo sítio. Acho que neste momento estás bastante bem abastecido, mas a mercearia também continua no mesmo sítio. Se precisares de alguma coisa e não quiseres ir até à vila, avisa-me. Se saíres e quiseres fazer-me uma visita, moro na Laughing Gull Cottage. Conheces?

— Eu... sim. Tu... trabalhas para a minha avó?

— Fazia-lhe a limpeza da casa, uma ou duas vezes por semana, porque ela precisava. Faço limpezas noutras casas, consoante as necessidades. Dou aulas de ioga, cinco vezes por semana, na cave da igreja, e uma noite por semana em minha casa. Uma vez convenci a Hester a experimentar o ioga e ela ficou viciada. Também faço massagens... — disse ela, lançando-lhe um largo sorriso por cima do ombro — terapêuticas. Tenho certificação. Faço muitas coisas, porque me interesso por muitas coisas. — Empratou a omeleta com as bagas e a torrada. Pousou o prato diante dele e acrescentou um guardanapo de linho e talheres. — Tenho de ir, já estou um bocadinho atrasada.

Abra dobrou os sacos de compras, guardou-os num enorme saco

vermelho, vestiu um casaco roxo-escuro, enrolou um cachecol de listas coloridas em volta do pescoço e enfiou um gorro de lã roxo na cabeça.

— Até depois de amanhã, por volta das nove.

— Depois de amanhã?

— Venho fazer limpezas. Se, entretanto, precisares de alguma coisa, os meus números de telemóvel e de casa estão ali naquele quadro. Se saíres para dar uma volta e eu estiver em casa, passa por lá. Bom... bem-vindo, Eli. — Encaminhou-se para a porta do pátio, virou-se e sorriu. — Come o pequeno-almoço — ordenou ela antes de sair.

Eli olhou fixamente para a porta e depois para o prato. Como não lhe ocorria nenhuma outra coisa para fazer, pegou no garfo e comeu.

## *Dois*

**E**li deambulou pela casa, na esperança de que isso pudesse ajudá-lo a orientar-se. Ele detestava aquela sensação de andar à deriva, de vaguear de lugar em lugar, de pensamento em pensamento, desprovido de qualquer âncora, de qualquer raiz. Outrora, tivera uma vida estruturada, com objetivos. Mesmo após a morte de Lindsay, quando a estrutura se havia desmoronado, ele tivera um objetivo.

Lutar contra passar o resto da vida na prisão fora um objetivo forte, concreto.

E agora, como a ameaça era menos premente, menos viável, que objetivo tinha ele? Tinha a sua escrita, recordou a si mesmo. Pensava muitas vezes que o processo da escrita e o escape que esta lhe possibilitava haviam salvado a sua sanidade mental.

Mas onde estava agora a sua âncora? Onde estava a raiz? Seria Bluff House? Seria assim tão simples?

Na sua infância e juventude, havia passado bastante tempo naquela casa; tantos verões com a praia sempre tentadoramente próxima, tantas férias e fins de semana de inverno a ver a neve a amontoar-se sobre a areia, sobre as rochas que emergiam através desta.

Tempos simples — inocentes? Havia sido tempos de inocência? Castelos de areia e piqueniques na praia com a família, com amigos, navegando com o avô na bonita chalupa que a avó mantinha ancorada na

marina de Whiskey Beach, e consoadas barulhentas, coloridas, cheias de gente, com todas as lareiras a crepitar.

Nunca se havia imaginado a deambular como um fantasma por aqueles quartos, em busca dos ecos daquelas vozes, ou das imagens desvanecidas de tempos melhores.

Quando entrou no quarto da avó, deu-se conta de que, apesar de ela ali ter feito algumas alterações — o quadro, a roupa de cama —, quase tudo permanecia como antes.

A enorme e fabulosa cama de quatro colunas, onde o seu pai — devido a uma tempestade de neve e a um parto rápido — havia nascido. A fotografia dos avós, tão jovens e cheios de vida e lindos no dia do seu casamento, mais de meio século antes, estava, como sempre havia estado, na sua reluzente moldura de prata em cima da cómoda. E a vista, que as janelas proporcionavam, do mar, da areia, da linha costeira dentada, mantinha-se inalterada.

Subitamente, Eli teve uma memória vívida, como um filme, de uma noite de verão, de uma violenta tempestade de verão. O estrondo dos trovões, as chicotadas dos relâmpagos. E a irmã, que tinha ido passar uma semana a Bluff House, a correr aterrorizada para a cama dos avós.

Que idade tinha ele na altura? Uns cinco, seis anos? Mas conseguia visualizar tudo, como que através de uma lente límpida, cristalina. Os clarões lá fora, a maravilhosa cama grande que ele tinha de trepar. Ouvia o riso do avô — e não era estranho que só naquele momento se desse conta do quanto o seu pai havia acabado por se parecer com o avô em idade idêntica? — enquanto este puxava a aterrorizada Trícia para a sua cama.

*Estão a dar uma festa de arromba lá em cima esta noite! É o concerto rock do Céu!*

À medida que a imagem se desvanecia, Eli sentiu-se mais calmo.

Encaminhou-se para as portas do terraço, abriu-as e saiu para o vento e o frio.

As ondas escoiceavam, acirradas pelo incessante vento forte que sabia a neve. Na extremidade do promontório, no ponto mais distante daquela curva, a torre branca do farol erguia-se sobre um aglomerado de rochas. Mais distante no Atlântico, Eli viu um pequeno ponto luminoso que era uma embarcação a navegar naquelas águas turbulentas.

Para onde iria? O que levaria?

Há muito tempo, haviam-se divertido com o jogo das iniciais,

uma variante de «A de Ananás». *Vai para a Arménia*, pensou ele, *e leva alcachofras*.

E pela primeira vez, há demasiado tempo, enquanto se encolhia para se proteger do frio gélido, Eli sorriu.

*Para as Bahamas, com babuínos. Para o Cairo, com cocos. Para a Dinamarca, com dentífricos*, pensou ele enquanto via o pequeno ponto luminoso desaparecer.

Ficou mais uns instantes antes de voltar para dentro, para o aconchego da casa.

Precisava de fazer alguma coisa. Devia ir buscar a sua bagagem. Desfazer as malas, instalar-se.

Talvez mais tarde.

Voltou a sair do quarto e deambulou até ao segundo piso que, em tempos — antes do seu tempo —, havia servido de alojamento da criadagem.

Agora era local de armazenamento de mobiliário coberto por lençóis brancos, arcas, caixas... quase tudo no amplo espaço comum, enquanto que o amontoado de quartos, em que criadas e cozinheiras haviam dormido, permaneciam vazios. Ainda assim, e sem nenhum objetivo em mente, ele atravessou-os até chegar ao quarto de grandes janelas arqueadas com vista para o mar.

*O quarto da governanta*, pensou ele. Ou teria sido do mordomo? Não conseguia recordar-se, mas quem quer que tivesse ali dormido, havia tido direito ao melhor quarto, que até tinha entrada privada e terraço.

Agora já não havia necessidade de ter tantos empregados, nem de manter o segundo piso mobilado, cuidado, nem sequer aquecido. A sua prática avó encerrara-o há anos.

Talvez um dia, quem estivesse responsável pela casa lhe desse novo uso, voltasse a dar-lhe vida, se livrasse de todos aqueles lençóis fantasmagóricos e trouxesse de volta o calor e a luz.

Mas, naquele momento, era um espaço tão vazio e frio como ele se sentia.

Voltou a descer e continuou a deambular.

E encontrou mais alterações.

A avó tinha reinventado e redesenhado o que outrora havia sido um dos quartos do primeiro piso e convertera-o num escritório/saleta. Uma espécie de estúdio, supôs ele, com um computador instalado numa belíssima escrivaninha antiga, um cadeirão de leitura e um sofá



que lhe parecia adequado para a sesta da tarde. Mais quadros pintados por ela — peónias de pétalas cor-de-rosa jorrando de uma jarra azul-cobalto, a bruma pairando sobre as dunas varridas pelo vento.

E a paisagem, naturalmente, que era um autêntico banquete para uma alma faminta.

Eli entrou no cómodo, dirigiu-se para a escrivaninha e arrancou o bilhete que estava colado no monitor do computador.

*«A Hester disse: Escreve aqui — e porque é que não estás já a fazê-lo?  
Transmitido por Abra.»*

Eli franziu o sobrolho por um instante. Não sabia se lhe agradava o facto de a avó usar a vizinha para lhe transmitir as ordens. Depois, com o bilhete ainda na mão, olhou em volta, para as janelas, até para dentro da pequena casa de banho e para o guarda-roupa que agora continha material de escritório, bem como lençóis, cobertores e almofadas. O que significava, concluiu ele, que o sofá era também cama.

Uma vez mais, uma solução prática. A casa tinha uma dúzia de quartos, ou mais, não conseguia lembrar-se; mas para quê desperdiçar espaço, quando este podia ser multifuncional?

Abanou a cabeça quando viu o minibar de porta espelhada abastecido com água engarrafada e o seu refrigerante preferido desde a faculdade: *Mountain Dew*.

*Escreve aqui.*

O espaço era agradável, pensou ele, e a ideia de escrever era muito mais apelativa do que a de desfazer malas.

— OK — decidiu. — Muito bem.

Foi ao quarto buscar a mala do portátil. Desviou o teclado e o monitor para a esquerda para arranjar espaço para o seu computador. E, já que estava ali, que diabo, foi buscar uma garrafa fresca de *Dew*. Ligou o computador e inseriu a *pen* USB.

— OK — repetiu ele. — Onde íamos nós?

Abriu a garrafa e bebeu uns goles enquanto seleccionava o trabalho e dava uma rápida vista de olhos. E, depois de olhar uma última vez para a paisagem, mergulhou no trabalho.

Evadiu-se.

Desde a faculdade que escrevia como *hobby* — um interesse a que se

havia dedicado com prazer, e que lhe dera algum orgulho quando vendera meia dúzia de contos.

No último ano e meio — quando a sua vida começara a ir por água abaixo — ele havia descoberto que a escrita era melhor terapia, acalmava-lhe mais a mente, do que uma consulta de cinquenta minutos com um psicólogo.

Na escrita, ele podia mergulhar num mundo que ele próprio criava e que, até certo ponto, controlava. E, curiosamente, onde se sentia mais ele mesmo do que no mundo real.

Eli escrevia — uma vez mais, até certo ponto — sobre o que conhecia. Arquitetar histórias policiais — inicialmente sob a forma de pequenos contos e agora a assustadora e sedutora tentativa de escrever um romance — dava-lhe a oportunidade de jogar com a lei, de fazer bom ou mau uso da mesma, dependendo da personagem. Ele podia criar dilemas e soluções, caminhando ao longo da fina e escorregadia corda bamba entre a lei e a justiça.

Havia-se tornado advogado porque a lei, com todas as suas falhas, todos os seus meandros e interpretações, o fascinava. E porque o negócio de família, a empresa Landon Whiskey, não o apaixonava como acontecia com o pai, a irmã, inclusive o cunhado.

Ele havia-se apaixonado pelo direito penal e perseguira resolutamente esse objetivo durante os anos de faculdade, enquanto trabalhava como ajudante do juiz Reingold, um homem que admirava e respeitava, até chegar aos escritórios de Brown, Kinsale, Schubert e Associados.

Agora que a lei o havia, literalmente, deixado ficar mal, ele escrevia para se sentir vivo, para recordar a si mesmo que havia vezes em que a verdade conseguia sobrepor-se à mentira e em que a justiça acabava por prevalecer.

Quando voltou a emergir, a luz tinha mudado, ensombrecido, suavizado os tons da água. Com alguma surpresa, reparou que já passava das três; havia escrito quase quatro horas a fio.

— A Hester ganha outra vez — murmurou ele.

Gravou o trabalho e abriu o programa de *e-mail*. Muito *spam*, reparou ele, e apagou-o. Não havia muito mais, e nada que o fizesse sentir na obrigação de ler naquele momento.

Em vez disso, compôs um *e-mail* para os pais e outro para a irmã praticamente com o mesmo texto. A viagem havia decorrido sem incidentes, a casa continuava fantástica e estava satisfeito por estar de volta.

Nada sobre sonhos recorrentes, nem depressões furtivas, nem vizinhas tagarelas que faziam omeletas.

Depois compôs outro para a avó.

*Estou a escrever aqui, como ordenaste. Obrigado. O mar está repleto de ondas de aço com velozes cavalos brancos. Vai nevar, sente-se no ar. A casa está bem cuidada e sinto-me muito bem aqui. Desculpa-me, avó — e não me digas outra vez que não preciso de me desculpar — por ter deixado de vir. Neste momento, lamento quase tanto por mim como por ti.*

*Se eu tivesse vindo ao teu encontro, para Bluff House, talvez tivesse visto as coisas com maior nitidez, as tivesse aceitado, mudado. Se o tivesse feito, teria tudo corrido tão horrivelmente mal?*

*Nunca saberei, e de nada adiantam as conjeturas.*

*O que sei é que é bom estar aqui e que cuidarei da casa até ao teu regresso. Vou dar um passeio pela praia e, quando voltar, vou acender a lareira para poder desfrutar dela quando a neve começar a cair.*

*Amo-te,*

*Eli*

*P.S. Conheci a Abra Walsh. É uma rapariga interessante. Não me recordo se lhe agradei por ter salvado o amor da minha vida. Fá-lo-ei quando ela aqui voltar.*

Depois de ter enviado o *e-mail*, ocorreu-lhe que, apesar de não se lembrar se lhe tinha agradecido, lembrava-se de que não lhe pagara as compras.

Tomou nota numa folha do bloco de *Post-its*, que encontrou na gaveta da escrivaninha, e colou-a no monitor do computador. Ultimamente esquecia-se demasiado facilmente das coisas.

De nada lhe valia adiar o desfazer das malas, disse a si mesmo. Quanto mais não fosse, precisava de trocar a roupa que usava há dois dias seguidos. Não podia deixar-se levar novamente por esse caminho.

Aproveitou o ânimo que a escrita lhe havia dado, vestiu o casaco,

lembrou-se de que ainda tinha de se calçar e depois saiu para ir buscar as malas.

Quando estava a desfazê-las, descobriu que não tinha sido muito sensato a fazê-las. Não ia propriamente precisar de um fato, muito menos de três, nem de quatro pares de sapatos formais e quinze (Deus do Céu!) gravatas. Tinha estado a emalar em piloto automático.

Pendurou algumas peças, guardou outras em gavetas, empilhou livros e encontrou o carregador do telemóvel e o iPod. Assim que arrumou algumas das suas coisas no quarto, constatou que se sentia mais em casa.

Desemalou o computador portátil e guardou o livro de cheques — tinha de pagar à vizinha quando esta fosse limpar a casa — na gaveta da escrivaninha, juntamente com o seu *stock* obsessivo de canetas.

Agora iria dar o seu passeio. Esticar as pernas, fazer algum exercício, apanhar ar fresco. Eram coisas saudáveis e produtivas. Como não lhe apetecia fazer nada daquilo, obrigou-se — como havia prometido a si mesmo que faria. Sairia de casa todos os dias, nem que fosse apenas para dar uma volta na praia. Não se deixaria abater, não ficaria a remoer nos problemas.

Vestiu a *parka*, enfiou as chaves no bolso e saiu pelas portas do terraço antes que mudasse de ideias.

Obrigou-se a atravessar o empedrado, apesar da forte ventania. Quinze minutos, decidiu ele, enquanto se dirigia para os degraus de acesso à praia, de cabeça baixa e ombros encolhidos. Aquilo era sair de casa. Iria descer à praia, caminhar numa direção durante sete minutos e meio e depois regressar.

Então acenderia a lareira e, se lhe apetecesse, sentar-se-ia diante da mesma a matutar com um copo de uísque na mão.

A areia erguia-se em redemoinhos das dunas, enquanto o vento que vinha do mar açoitava os sargaços como um rufia. Os cavalos brancos, de que ele havia falado à avó, empinavam-se e galopavam sobre o cinzento gélido do mar. O ar arranhava-lhe a garganta a cada fôlego, como se fosse vidro esmagado.

O inverno colava-se a Whiskey Beach como ouriços congelados e Eli lembrou-se de que se havia esquecido de levar luvas e gorro.

Podia caminhar trinta minutos no dia seguinte, pensou com os seus botões. Ou escolher um dia da semana e caminhar durante uma hora. Quem havia dito que tinha de ser todos os dias? Quem é que ditava as regras? Estava um frio de rachar e até um idiota era capaz de olhar para o

céu carregado e perceber que aquelas nuvens inchadas e revoltas estavam somente à espera para largarem uma batelada de neve.

E só um idiota é que passaria na praia durante uma tempestade de neve.

Chegou ao final dos degraus cobertos de areia com os seus pensamentos praticamente abafados pelo bramido do mar e do vento. Aquilo não fazia sentido, convenceu-se, e, quando estava prestes a dar meia-volta para voltar a subir, levantou a cabeça.

As ondas rolavam do mundo cinzento-aço para se arremessarem contra a beira-mar como bate-estacas, cheias de força e fúria. Gritos de guerra ressoavam sem parar naquele incessante avanço e retrocesso. Contra a areia em movimento, erguiam-se as saliências e amontoado de pedras que aquela atacava, reagrupava e tornava a atacar, numa guerra que nenhuma das partes jamais venceria.

Acima da batalha, aquele céu carregado aguardava, observava, como se estivesse a calcular a altura certa para largar as suas próprias armas.

E Eli paralisou, impressionado com tanto poder e beleza. Com a pura magnificência da *energia*.

Então, no decurso daquela guerra furiosa, ele começou a caminhar.

Eli não via vivalma ao longo da praia; ouvia somente o uivo do vento e o bramido das ondas. Sobre as dunas, as casas tinham as janelas bem fechadas contra o frio. Ninguém subia ou descia os degraus de acesso à praia e, tanto quanto ele podia perceber, não havia ninguém no promontório, nem na falésia. Também ninguém contemplava o mar no embarcadouro, onde as ondas turbulentas martelavam impiedosamente as estacas.

Naquele momento, ele estava sozinho como Crusoé. Mas não se sentia só.

Era impossível sentir-se só naquele lugar, constatou Eli, quando estava rodeado por todo aquele poder e energia. Lembrar-se-ia daquele momento, prometeu a si mesmo; lembrar-se-ia daquela sensação da próxima vez que tentasse arranjar desculpas, da próxima vez que tentasse arranjar justificações para se enclausurar.

Ele adorava praia e aquela, por motivos sentimentais, continuava a ser a sua preferida. Adorava a atmosfera que a envolvia antes de uma tempestade — inverno, verão, ou primavera, tanto fazia. E a *vida* que tinha durante a época alta, quando as pessoas mergulhavam nas ondas ou se estendiam em toalhas, ou se instalavam em cadeiras de praia sob os

guarda-sóis. A sua beleza ao nascer do Sol, e a sua envolvimento aquando do suave beijo do crepúsculo de verão.

Por que motivo se teria privado disso durante tanto tempo? Não podia culpar as circunstâncias, não podia culpar Lindsay. Podia e devia ter ido — pela avó e por si mesmo. Mas escolhera o que lhe havia parecido o caminho mais fácil, para não ter de explicar porque é que a mulher não tinha ido, para não ter de inventar desculpas. Para não discutir com Lindsay, quando esta insistia para que fossem para Cape Cod, ou Martha's Vineyard — ou umas férias mais prolongadas na Côte d'Azur.

Mas o caminho mais fácil não havia facilitado as coisas e ele perdera algo importante para si.

Se não o recuperasse agora, a culpa seria somente sua. Por isso prosseguiu a sua caminhada até ao embarcadouro e veio-lhe à memória a rapariga com quem havia tido um sério e tórrido romance de verão, imediatamente antes de ter entrado na faculdade. As pescarias com o pai... uma atividade para a qual nenhum dos dois tinha qualquer aptidão. Recuou ainda mais no tempo, até à infância, e viu-se a escavar na areia, na maré baixa, à caça de tesouros de piratas com fugazes amigos de verão.

*O Dote de Esmeralda*, pensou ele. A velha lenda, ainda viva, do tesouro roubado por piratas numa feroz batalha em alto-mar, novamente perdido quando o navio pirata, o infame *Calypso*, havia embatido nos rochedos de Whiskey Beach e afundado praticamente aos pés de Bluff House.

Ao longo dos anos, Eli tinha ouvido várias versões daquela lenda e, na infância, havia procurado o tesouro com os amigos. Estavam convictos de que seriam eles a desenterrá-lo e a tornarem-se os piratas dos tempos modernos, com as suas moedas, joias e prata.

E, tal como todas as outras pessoas, não haviam encontrado nada para além de amêijoas, caranguejos e conchas. Mas tinham vivido divertidas aventuras naqueles remotos verões soalheiros.

Whiskey Beach fora boa para ele, fizera-lhe bem. E agora, diante daquelas enormes vagas de rebentação, que cuspiam a sua espuma e água, Eli acreditava que voltaria a fazer-lhe bem.

Havia-se afastado mais do que o previsto, e permanecido mais tempo, mas agora, que encetava o caminho de regresso, pensou no uísque à lareira como um prazer, uma espécie de recompensa em vez de escape, ou de desculpa para cismar.

Provavelmente seria melhor preparar alguma coisa para comer, já que nem se havia lembrado de almoçar. Eli constatou que não comia

nada desde o pequeno-almoço, o que significava que não havia cumprido outra das promessas que fizera a si mesmo: recuperar o peso que tinha perdido e adotar um estilo de vida mais saudável.

Assim sendo, iria preparar uma refeição de jeito para o jantar e dar início ao tal estilo de vida mais saudável. Tinha de haver alguma coisa que pudesse preparar. A vizinha havia abastecido a cozinha, por isso...

Ao pensar nela, ergueu os olhos e viu Laughing Gull aninhada com as casas vizinhas para lá das dunas. O azul intenso — como o céu de verão — das suas ripas destacava-se entre os tons pastel e os brancos cremosos. Eli recordava-se de que em tempos haviam sido cinzentas-claras. Mas o formato peculiar da casa, com o seu telhado de duas águas, a ampla açoteia e a bossa de vidro que era o solário, tornava-a inconfundível.

Havia luzes cintilantes, por detrás desse vidro, para afastar a escuridão.

Iria pagar-lhe agora, decidiu ele. Em dinheiro. Assim não precisava de se preocupar mais com o assunto. Depois voltaria a pé para casa e refrescaria a memória que tinha das outras casas, de quem lá vivia... ou tinha vivido.

Parte do seu cérebro registou que agora ele teria alguma coisa alegre, e verdadeira, para comunicar à família. *Fui dar um passeio à praia (descrever) e no caminho de regresso passei por casa da Abra Walsh. Blá-blá-blá... Gosto da nova cor da Laughing Gull.*

*Estão a ver? Não me isolei, família preocupada. Saio e falo com pessoas. Situação normal.*

Divertido consigo mesmo, compôs o *e-mail* enquanto subia. Virou para baixo num caminho liso empedrado que atravessava um pequeno jardim ornamentado com arbustos e estátuas: uma singular sereia enrolada sobre a própria cauda, um sapo a tocar banjo e um pequeno banco de pedra com pernas em forma de fadas aladas. Ficou tão impressionado com a nova decoração — pelo menos para ele — e como esta se adequava na perfeição à personalidade da casa, que só reparou no movimento no interior do solário quando já tinha um pé no degrau da porta da frente.

Várias mulheres, em colchões de ioga, encontravam-se — com diversos graus de agilidade e destreza — numa posição de V invertido, que ele identificou como sendo a postura «Cão que Olha para Baixo».

A maior parte delas usava o equipamento de ioga — *tops* coloridos e calças justas — que ele havia visto muitas vezes no ginásio. Quando frequentara um ginásio. Um optavam por calças de fato de treino, outras por calções.

Todas elas, com uma ou outra oscilação, avançaram subitamente um pé e ergueram-se, com alguns desequilíbrios, fletindo a perna dianteira, alongando a outra para trás e estendendo um braço para a frente e outro para trás.

Ligeiramente embaraçado, Eli começou a recuar, a afastar-se, quando se deu conta de que o grupo seguia as orientações de Abra.

Ela mantinha a posição e trazia a farta cabeleira presa num rabo de cavalo. O *top* roxo realçava os braços longos e torneados; as calças cinzentas-escuras colavam-se às ancas estreitas e desciam pelas longas pernas até aos longos pés esguios, cujas unhas estavam pintadas do mesmo roxo do *top*.

Eli ficou fascinado, incapaz de desviar o olhar, quando ela, seguida das restantes, se inclinou para trás enquanto curvava o braço dianteiro sobre a cabeça, torcia o tronco e levantava a cabeça.

Depois esticou a perna dianteira, inclinou-se para a frente e foi baixando o tronco até pousar uma mão no chão, junto ao pé dianteiro, enquanto o outro braço apontava para o teto. Voltou a torcer o tronco. Antes que ele pudesse recuar, a cabeça dela virou-se também. Abra levantou os olhos e os seus olhares cruzaram-se.

Ela sorriu, como se tivesse estado à espera dele, como se ele não tivesse estado — inadvertidamente — à espreita.

Ele recuou então, fazendo um gesto que esperava transmitir um pedido de desculpas, mas ela já estava a começar a levantar-se. Eli viu-a fazer sinal a uma das mulheres enquanto avançava por entre os colchões e corpos.

O que havia ele de fazer agora?

A porta abriu-se e ela sorriu-lhe outra vez. — Olá, Eli!

— Desculpa. Não me tinha apercebido... até ter visto.

— Meu Deus, está um gelo! Entra.

— Não, estás ocupada. Eu estava só a dar uma volta e resolvi...

— Bem, entra para aqui antes que eu morra congelada. — Abra saiu com os seus esguios pés descalços e agarrou na mão dele. — A tua mão está um gelo — disse ela, puxando-a com insistência. — Eu não quero que este frio arrefeça a aula.

Percebendo que não tinha escolha, Eli entrou para que ela pudesse fechar a porta. No interior do solário, música *New Age* murmurava como água num regato. Eli viu que a mulher que estava atrás voltava a subir para a postura de alongamento.



— Desculpa — repetiu ele. — Estou a interromper.

— Não faz mal. A Maureen pode orientá-las. Estamos quase a acabar. Porque não vais até à cozinha? Podes beber um copo de vinho enquanto eu termino.

— Não. Não, obrigado. — Eli desejava, quase desesperadamente, não ter tido o impulso de fazer aquele desvio. — Eu só... Eu saí para dar uma volta e passei por cá no caminho de regresso, porque me dei conta de que não te paguei as compras.

— A Hester já tratou disso.

— Oh. Devia ter calculado. Eu falo com ela.

O desenho a carvão emoldurado na entrada distraiu-o por instantes. Eli reconheceu o trabalho da avó, mesmo sem o *H. H. Landon* no canto inferior.

Também reconheceu Abra, esguia e direita como uma lança, em postura de «Árvore», braços sobre a cabeça e o rosto iluminado pelo riso.

— Foi a Hester que mo ofereceu no ano passado — disse Abra.

— O quê?

— O desenho. Eu convenci-a a vir desenhar uma aula... foi um subterfúgio para a convencer a experimentar. E ela ofereceu-me isto como agradecimento, depois de se ter apaixonado pelo ioga.

— Fantástico.

Eli só se apercebeu de que Abra continuava a agarrar-lhe a mão quando ela recuou um passo e ele foi obrigado a avançar. — Ombros para baixo e para trás, Leah. Assim mesmo. Relaxa o maxilar, Heather. Muito bem. Desculpa — disse ela a Eli.

— Não, eu é que peço desculpa por estar a atrapalhar. Vou deixar-te trabalhar.

— Tens a certeza de que não queres um copo de vinho? Ou, quem sabe, talvez... — Agarrou na outra mão dele e esfregou-a para a aquecer.

— Um chocolate quente?

— Não. Não, obrigado. Tenho de voltar. — A fricção das mãos dela provocou-lhe um calor rápido e quase doloroso que enfatizava o facto de ele se ter deixado gelar até aos ossos. — Vai... nevar.

— Uma boa noite para estar em casa com uma lareira e um bom livro. Bem. — Largou-lhe a mão para voltar a abrir a porta. — Vemo-nos daqui a uns dias. Liga-me ou passa por cá, se precisares de alguma coisa.

— Obrigado. — Eli foi-se embora rapidamente para que ela pudesse fechar a porta e manter o calor no interior da casa.

Mas Abra manteve a porta aberta enquanto o via afastar-se.

O seu coração, que muitos lhe diziam ser demasiado mole, demasiado aberto, encheu-se de compaixão.

Quando teria sido a última vez que alguém, fora da família, lhe teria aberto as portas para que se abrigasse do frio?, perguntou-se.

Fechou a porta, regressou ao solário e, com um aceno de cabeça em direção à sua amiga Maureen, reassumiu o controlo da aula.

Quando concluía o relaxamento final, viu que a neve que Eli havia previsto caía espessa e suave do lado de fora do vidro, fazendo com que o seu espaço aconchegante parecesse o interior de um singular globo de neve.

Não havia nada mais perfeito.

— Lembrem-se de se hidratar. — Pegou na própria garrafa de água enquanto as mulheres enrolavam os seus colchões. — E ainda temos espaço na aula de amanhã, «Oriente ao Encontro do Ocidente», na cave da igreja unitária, às nove e um quarto.

— Eu *adoro* essa aula! — Heather Lockaby ajeitou os curtos cabelos louros. — Winnie, se quiseres, posso apanhar-te de caminho.

— Liga-me primeiro. Adorava experimentar.

— E agora... — Heather esfregou as mãos. — Aquele era quem eu penso que era?

— Desculpa? — respondeu Abra.

— O homem que apareceu durante a aula. Não era o Eli Landon?

O nome provocou um burburinho imediato. Abra sentiu os benefícios do exercício de ioga começarem a desaparecer quando os ombros se retesaram. — Sim, era o Eli.

— Eu disse-te — indicou Heather, dando uma cotovelada a Winnie. — Eu disse-te que tinha ouvido rumores de que ele ia mudar-se para Bluff House. Vais mesmo fazer limpezas enquanto ele lá estiver?

— Quando não está lá ninguém, não há muito para limpar.

— Mas, Abra, não ficas nervosa? Quero dizer, ele foi acusado de assassinato. De ter matado a própria mulher. E...

— Ele foi absolvido, Heather. Lembras-te?

— Lá porque não tinham provas suficientes para o prender, não quer dizer que não seja culpado. Não devias estar sozinha com ele naquela casa.

— Lá porque a imprensa gosta de um bom escândalo, principalmente quando envolve sexo, dinheiro e famílias basilares da Nova Inglaterra, não quer dizer que ele não seja inocente. — Maureen arqueou as suas

sobrancelhas ruivas. — Conheces aquela velha máxima legal, que diz que se é inocente até prova em contrário, Heather?

— Eu sei que ele foi despedido... e que era um advogado criminal. Na minha opinião, é um bocado estranho que eles o tivessem despedido se ele não fosse culpado. E ele era o principal suspeito. Houve testemunhas que o ouviram ameaçar a mulher no *dia* em que ela foi morta. Ela teria recebido uma pipa de dinheiro com o divórcio. E ele não tinha nada que estar naquela casa, pois não?

— A casa era dele — frisou Abra.

— Mas ele tinha saído. Eu só estou a dizer que onde há fumo...

— Onde há fumo, às vezes significa que outra pessoa ateou o fogo.

— És tão ingénua. — Heather envolveu Abra num abraço tão sincero como paternalista. — Vou ficar preocupada contigo.

— Acho que a Abra sabe avaliar muito bem as pessoas e sabe cuidar de si. — Greta Parrish, a mais velha do grupo, com setenta e dois anos, vestiu o prático e quente casaco de lã. — E a Hester Landon não teria aberto as portas de Bluff House ao Eli, que sempre foi um jovem muito bem-educado, se tivesse a mais pequena dúvida da sua inocência.

— Oh, agora só sinto afeto e respeito pela Sra. Landon — disse Heather. — Todas nós esperamos e rezamos para que recupere e venha depressa para casa. Mas...

— Nada de «mas». — Greta enfiou um chapéu apertado sobre o cabelo cinzento-escuro. — Aquele menino faz parte desta comunidade. Ele pode ter vivido em Boston, mas é um Landon e é um de nós. Só Deus sabe o que ele passou e eu odiaria pensar que alguém aqui seria capaz de lhe causar mais problemas.

— Eu... eu não queria dizer isso. — Atrapalhada, Heather olhou de rosto em rosto. — Sinceramente, não queria. Só estou preocupada com a Abra. Não consigo evitar.

— Acredito que estejas. — Greta acenou bruscamente com a cabeça. — Mas creio que não tens motivos para isso. Foi uma aula bastante agradável, Abra.

— Obrigada. E se eu a levasse a casa? Está a nevar com bastante intensidade.

— Acho que não vou ter dificuldade em fazer uma caminhada de três minutos.

As mulheres agasalharam-se e saíram em fila. Maureen deixou-se ficar para trás.

— A Heather é uma chata — afirmou ela.

— Muitas pessoas são. E muitas pessoas pensarão como ela. Se ele era suspeito, é porque deve ser culpado. Está errado.

— Claro que sim. — Maureen O'Malley, com os seus curtos cabelos espetados, tão ruivos como as sobranceiras, bebeu mais um gole de água da sua garrafa. — O problema é que eu não sei se não pensaria a mesma coisa, pelo menos num lugar recôndito do meu cérebro, se não conhecesse o Eli.

— Não sabia que conhecias.

— Ele foi a minha primeira marmelada a sério.

— Espera aí. — Abra apontou com os dois dedos indicadores. — Espera aí um bocado. Essa história tem de ser acompanhada de um copo de vinho.

— Não precisas de me torcer o braço. Deixa-me só mandar uma mensagem ao Mike, a dizer que vou demorar-me mais meia hora.

— Faz isso. Eu vou servir o vinho.

Na cozinha, Abra escolheu uma garrafa de *Shiraz* enquanto Maureen se sentava no sofá na confortável sala de estar.

— Ele diz que não há problema. Os miúdos ainda não se mataram e estão neste momento felizes da vida no meio da tempestade de neve. — Levantou os olhos do telemóvel e sorriu quando Abra lhe entregou o copo de vinho e se sentou. — Obrigada. Isto vai dar-me ânimo para enfrentar a batalha aqui ao lado e dar de comer às tropas.

— Marmelada?

— Eu tinha quinze anos, e apesar de já ter sido beijada, aquele foi o primeiro beijo a sério. Línguas, mãos e respiração ofegante. Deixa-me dizer já que o rapaz tinha uns lábios excelentes e umas mãos muito jeitosas. Foi também o primeiro, tenho de admitir, a tocar estas tetas maravilhosas. — Deu umas palmadinhas nos seios e bebeu um pouco de vinho. — Mas não foi o último.

— Pormenores, pormenores.

— Feriado de Quatro de Julho, depois do fogo de artifício. Fizemos uma fogueira na praia. Um grupo de amigos. Eu tinha autorização, que obtive à custa de muito esforço, deixa-me dizer-te, e os meus filhos terão ainda mais dificuldade em obtê-la devido à minha experiência. Ele era tão giro. Oh, meu Deus, o Eli Landon tinha vindo de Boston passar cá um mês... e eu foquei-me nesse objetivo. Não fui a única.

— Muito giro?

— Mmm... Aqueles cabelos encaracolados que o sol alourava a cada dia que passava, aqueles fabulosos olhos azuis cristalinos... E tinha um sorriso de nos fazer cair para o lado. Corpo atlético... se bem me lembro, ele jogava basquetebol. Quando não estava na praia, de tronco nu, estava no centro comunitário a jogar à bola... de tronco nu. Deixa-me repetir: mmm...

— Ele perdeu peso — comentou Abra. — Está demasiado magro.

— Eu vi algumas fotografias e as imagens nos noticiários. Sim, está demasiado magro. Mas naquele verão? Era tão lindo, tão jovem, tão alegre e *divertido*! Eu fartei-me de me insinuar a ele, e aquela fogueira do Quatro de Julho deu frutos. A primeira vez que ele me beijou, estávamos sentados em torno da fogueira. A música em altos berros, alguns dançavam, outros estavam dentro de água. Uma coisa levou à outra e caminhamos até ao embarcadouro.

Maureen suspirou com a recordação.

— Éramos só um par de adolescentes, com as hormonas aos saltos, numa noite quente de verão. A coisa não foi mais longe do que deveria, embora esteja certa de que o meu pai não teria a mesma opinião, mas foi o momento mais excitante da minha vida até àquela data. Agora parece-me tão doce e inocente, mas continua a ser extremamente romântico. A espuma das ondas, o mar e o luar, a música vinda da praia, um par de corpos seminus a começarem a perceber, realmente, para que tinham sido feitos. Então...

— E então? E então? — Abra inclinou-se para a frente e gesticulou com as mãos em círculos, numa tentativa de apressar a amiga. — O que aconteceu?

— Voltámos para a fogueira. Se ele não me tivesse levado de volta para junto do grupo, acho que a coisa teria ido mais longe do que devia. Eu não estava nada preparada para o que acontece no interior do nosso corpo quando alguém consegue acionar aquele interruptor. Entendes?

— Oh, se entendo!

— Mas ele parou, e depois acompanhou-me a casa. Estive com ele mais algumas vezes antes de ele regressar a Boston e demos mais alguns beijos, mas nada mexeu comigo como aquele primeiro beijo. Quando ele voltou a Whiskey Beach, estávamos ambos com outras pessoas. Não voltámos a ter contacto, não daquela maneira. Provavelmente ele nem sequer se lembra daquele Quatro de Julho em que estive com a ruiva debaixo do embarcadouro de Whiskey Beach.

— Aposto que estás a subestimar-te.

— Talvez. Se nos cruzássemos quando ele estava cá de visita, conversávamos um bocadinho... como é costume fazer-se. Uma vez, quando estava gravidíssima do Liam, cruzei-me com ele na mercearia. O Eli levou-me os sacos até ao carro. É um bom homem. Acredito nisso.

— Conheceste a mulher dele?

— Não. Vi-a uma ou duas vezes, mas nunca fomos apresentadas. Ela era linda, não posso negar, mas não diria que era do tipo que gosta de fazer conversa à porta da mercearia. O que se dizia era que ela e a Hester Landon não morriam de amores uma pela outra. Depois do casamento, o Eli veio algumas vezes sozinho ou com a restante família. Depois deixou de vir de todo. Pelo menos, que eu saiba. — Olhou para o relógio. — Tenho de ir para casa, dar de comer à horda.

— Talvez devesse ir lá fazer-lhe uma visita.

— Acho que, neste momento, podia parecer uma intrusão da minha parte... ou curiosidade mórbida.

— Ele precisa de amigos, mas talvez tenhas razão. Pode ser demasiado cedo.

Maureen levou o copo vazio para a cozinha e pousou-o. — Eu conheço-te, Abracadabra. Não vais deixá-lo a matutar, pelo menos durante muito tempo. — Vestiu o casaco. — Está na tua natureza consertar as coisas, curar os males, dar o beijinho onde dói. A Hester sabia muito bem o que estava a fazer quando te pediu que cuidasses dele e da casa.

— Então é melhor não a desapontar. — Deu um abraço a Maureen antes de abrir a porta das traseiras. — Obrigada por me teres contado. Não pela história *sexy* de luxúria adolescente, mas porque me deste uma outra perspetiva dele.

— Não te fazia mal nenhum dares uns beijinhos.

Abra levantou as mãos. — Estou de jejum.

— Pois, pois. Mas se surgir a oportunidade... ele tem uns lábios fantásticos. Até amanhã.

Abra ficou à porta a observar a amiga a abrir caminho pela neve espessa, até ver a luz da porta das traseiras da casa ao lado apagar-se.

Ia acender a lareira, decidiu, comer uma sopinha e pensar seriamente em Eli Landon.